

*José Norton, Norton de Matos — Biografia: Fronteiras do Tempo*, Lisboa, Bertrand Editora, 2002, 447 páginas, com ilustrações.

Personalidade marcante do século XX em Portugal, José Maria Mendes Ribeiro Norton de Matos (1867-1955) teve um importante papel em alguns acontecimentos relevantes da nossa história política contemporânea: participou no golpe contra a ditadura de Pimenta de Castro (1915); preparou o contingente militar português para a frente europeia na primeira guerra mundial; integrou a delegação portuguesa à Conferência de Paz (1919); enquanto governador-geral (1912-1915) e alto comissário da República em Angola (1920-1924) incrementou a administração civil e promoveu o fomento da colónia; foi o primeiro candidato à Presidência da República pela oposição democrática ao Estado Novo (1948-1949). Foi também uma destacada figura do Partido Republicano Português e grão-mestre da Maçonaria e um prolixo pensador sobre o «Portugal maior» e a «unidade nacional» entre a metrópole e as províncias ultramarinas.

Contudo, até hoje, Norton de Matos não fora objecto de uma biografia «de fôlego». Dispúnhamos apenas da tese de licenciatura de Renato Mascarenhas sobre a acção de Norton de Matos em Angola como governador-geral e alto comissário (ISCSPU, 1970), que, por nunca ter sido publicada, é de circulação restrita (Biblioteca Nacional), de alguns

trabalhos sobre a concepção imperial de Norton de Matos (veja-se o artigo de Armando B. Malheiro da Silva e José Luís Lima Garcia, «Norton de Matos e a oposição à política colonial de Salazar», in *Revista de História das Ideias*, n.º 17, 1995, pp. 349-404) ou sobre a candidatura de Norton de Matos à Presidência da República (é o caso do catálogo *Uma Oposição Indomada e Indomável: Campanha Eleitoral do General Norton de Matos: 1948-1949*, Lisboa, Câmara Municipal, 1993, de Alexandre Reis, Amílcar Braga e Daniel Melo) e das entradas biográficas no catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional de Lisboa em Junho-Julho de 1980 (A. H. de Oliveira Marques), no *Dicionário da Maçonaria* (id.), no *Dicionário de História do Estado Novo* (Daniel Melo) e no suplemento ao *Dicionário de História de Portugal* (Manuela Rego).

É, pois, de saudar a publicação pela Bertrand Editora do livro *Norton de Matos: Biografia*. Escrito pela mão de um colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, simultaneamente sobrinho-neto do biografado (informação contida na badana), com acesso privilegiado aos manuscritos e à correspondência privada do tio, antevia-se um trabalho de investigação baseado em fontes inéditas, capaz de lançar luz sobre passagens menos conhecidas da sua vida pessoal e pública.

Em parte, estas expectativas saem goradas. Verifica-se que José Norton consultou fontes primárias e biblio-

grafia, mas não existem notas remissivas que esclareçam onde foi buscar as informações que utiliza. Se é certo que a maior parte da correspondência inédita citada pertencerá ao arquivo do general Norton de Matos, em Ponte de Lima, e ao arquivo da casa do Bário (casa da família materna, herdada pelas irmãs), que, provavelmente, não dispõem de sistemas de classificação e cotação, já o mesmo não se passa com outros arquivos consultados (arquivo da PIDE, arquivo Salazar, arquivo Mário Soares, por exemplo). Qualquer citação exige nota que remeta para a fonte de forma inequívoca. O mesmo se passa com afirmações e opiniões que surgem ao longo do texto sem notas, mas que terão sido «bebidas» na bibliografia que aparece no final. Poder-se-á pensar que estas questões são secundárias e meramente formais, mas não é de todo assim. O trabalho de investigação histórica obedece a regras que lhe conferem credibilidade. Dessas regras não se podem isentar as pessoas com outras formações iniciais, se quiserem, de facto, elaborar estudos históricos e contribuir para o avanço do conhecimento nesta área.

Há uma confusão que importa desfazer. A introdução de notas de rodapé ou de final de texto não comprometia em nada o carácter da obra. Oxalá esta lacuna seja corrigida numa próxima edição. Uma biografia destinada preferencialmente a um público não académico, «sem grandes elaborações psicológicas ou sociológicas», na qual, «numa lingua-

gem acessível» e «fugindo a especulações interpretativas, os factos são apresentados com simplicidade» (v. contracapa), também se quer rigorosa. Um exemplo a seguir figurava já na própria colecção «Figuras de Todos os Tempos» da Bertrand — referimo-nos ao livro de Pedro Aires Oliveira (*Armando Monteiro, Uma Biografia Política: 1896-1955*), exímio na conjugação da clareza e fluidez narrativas com o rigor na síntese histórica e na remissão para as fontes consultadas.

O que se disse acima pode ofuscar os méritos do livro de José Norton, mas não deverá iludi-los. A leitura da presente biografia faz-se com facilidade e agrado: a escrita é escorreita e dá ritmo a um «enredo» muito diversificado. Recolhem-se informações pouco ou nada conhecidas relativas à infância e adolescência de Norton de Matos, à forte relação que o unia à família nuclear, aos seus estados de espírito, preocupações, convicções e anseios mais íntimos. Porque contêm aspectos ainda pouco explorados, destacam-se ainda os capítulos dedicados à sua passagem por Goa (1898-1907) como director de Agrimensura, à sua participação na missão diplomática do general Joaquim Machado que devia negociar a delimitação do território de Macau (1909) e à sua candidatura à Presidência da República, apoiada por uma frente unitária de oposição ao Estado Novo. Em Goa, Norton foi chamado a desempenhar funções como governador militar de Satary para debelar a revolta de 1901, dirigiu interinamente

as matas e enfrentou grandes resistências à elaboração do cadastro fundiário da Índia. Na China confrontou-se com os entraves à delimitação formal de Macau, condição para a «perpétua ocupação e governo» (cf. pp. 165-172). No final da campanha presidencial, Norton de Matos terá sido sujeito a fortes pressões, da parte dos comunistas, para desistir da ida às urnas. José Norton diz que «no seio da família sempre constou terem-se verificado, na casa da Travessa da Bela Vista, num dos dias que antecederam a eleição, cenas próximas da violência física, sempre com o intuito de forçar o general a desistir» (p. 401). A mágoa por não ter disputado o escrutínio afastou-o irremediavelmente dos comunistas, que, no entanto, continuaram a tirar dividendos políticos da engrenagem da campanha (cf. pp. 403-404).

No que respeita à acção de Norton de Matos em Angola e às resistências que encontrou na colónia, José Norton dá-nos uma imagem de conjunto que incorpora, com pertinência, as lutas político-partidárias que se viviam na metrópole. Quanto às medidas tomadas contra o trabalho forçado (primeiro governo-geral), associa-as ao compromisso maçónico de abolir «efectivamente» a escravatura (cf. p. 185), mas não salienta que delas também dependia o programa de fomento da economia angolana traçado por Norton de Matos. O autor considera «ainda obscura a razão» (p. 280) da mudança de atitude do biografado em relação aos africanos assimilados: enquanto no primeiro mandato assistiu à inauguração

da Liga Africana e saudou os seus mentores, no segundo governo procedeu à extinção daquela associação nativista e à suspensão do respectivo jornal, *Angolense*. Parece-nos, contudo, que, para além das hipóteses explicativas avançadas no livro (v. p. 281), há que ter em conta que o projecto de povoamento branco do alto comissário (que passou pela concessão de incentivos à fixação de funcionários, operários, pescadores e pequenos agricultores metropolitanos em Angola) acarretava a subalternização das elites crioulas.

Do conjunto da obra retira-se uma visão pormenorizada do percurso de Norton de Matos nas suas múltiplas vertentes (pessoal, familiar, escolar, militar, profissional e política), um percurso que atravessa as últimas décadas da monarquia, a República, a ditadura militar, a consolidação do Estado Novo e o primeiro grande sobressalto do regime salazarista. Parece-nos, no entanto, que a grande mais-valia desta obra é constituída pelo recurso abundante a citações de cartas particulares inéditas. Essas citações, seja da correspondência activa, seja da passiva ou mesmo da troca entre terceiros, devolvem-nos uma imagem mais próxima do homem, dos seus traços de carácter, dos seus sentimentos, da sua personalidade. Só a ligação com Ester, que até à data do casamento (oito anos depois do nascimento da filha Rita) não quis revelar à família, fica na penumbra, pois as cartas que trocaram foram destruídas, ao que parece, por vontade de ambos (cf. p. 367).

Refira-se, por último, que as fotografias e outras ilustrações inseridas no livro, bem como a cronologia comparativa «Mundo», «Portugal», «Vida de Norton de Matos», valorizam a obra e que o índice onomástico é extremamente útil e oportuno, pois são centenas as personalidades referidas ao longo do texto, abundando os políticos e intelectuais portugueses da primeira metade de Novecentos, com os quais o biografado privou.

CLÁUDIA CASTELO